

O regente/educador musical: uma análise nas experiências na escola

Ruben Levi Colares

levi.colares@hotmail.com

Universidade Federal do Amazonas

Rosemara Staub de Barros

Universidade Federal do Amazonas

rosemarastaub@gmail.com

Resumo: Este artigo integra as reflexões e referências encontradas e discutidas em uma pesquisa de PIBIC em andamento, cujo objetivo é investigar o processo de arranjo de dois regentes corais atuantes na escola pública da cidade de Manaus. A metodologia utilizada: abordagem qualitativa baseada em dois estudos de caso, com acompanhamentos realizando os diários de campo e tecendo observações, além disso, utilização de entrevistas semiestruturadas com os dois regentes, contando sobre sua trajetória na vida musical. O estudo tem base no entendimento da importância do coral juvenil nas escolas, da formação do regente/educador musical e a ênfase no repertório utilizado e na criação dos arranjos para o coro juvenil.

Palavras chave: Coral na escola, Regente/Educador, Arranjo vocal.

O Coral Juvenil na escola

Quando se fala em coral na escola, em geral, é logo associado ao canto Orfeônico realizado e ampliado por Villa-Lobos e, principalmente, quanto sua utilização no período em que a arte vivia o nacionalismo com características de exaltação à pátria. O civismo e o controle de grandes massas em apresentações incríveis com mais de 40 mil vozes com hinos à pátria e canções folclóricas (Santos, 2010, p.37).

Esse modelo de pedagogia musical tinha como objetivo promover a teatralização e a ritualização de vários símbolos nacionais, que estavam na época sendo construídos por meio de projetos pedagógico-sociais, com o intuito de criar uma comunidade sensível aos ideais patrióticos e à política nacionalista, em voga tanto na Europa do século XIX quanto no Brasil nos anos 1930. (SOUZA, 2012, p. 68).

Com o objetivo, para além da educação musical do indivíduo, havia um objetivo político no ideário do nacionalismo, prezado por Getúlio Vargas e garantido por Villa-Lobos, em que a

música agia como uma ferramenta poderosa nesta concepção, “Além disso, a percepção artística considerada como a mais capaz de suggestionar sensivelmente os homens era a música, quase que consensualmente” (SOUZA, 2012, p.72). A música, neste período, por ter o caráter adestrador, deve ser um dos motivos, como ressalta Sobreira, de afastar educadores musicais da prática coral. “Desta forma, percebe-se que a resistência ao canto coral pode estar relacionada à sua utilização como elemento disciplinante no passado” (SOBREIRA, 2013, p.16).

Mesmo, com tudo isso, há também, coisas muito boas que se pode aprender com Villa-Lobos e, que por isso, até hoje, ele é tão estudado, quando se fala sobre estudar música e o porquê disso:

Por que se estuda música? Não há de ser, por certo, com o único propósito de ler ou escrever notas. Se não houver nenhum sentido, nem alma, nem vida na música, esta deixa de existir. Assim, deve-se ensinar música, desde o começo, como uma força viva, do mesmo modo que se aprende a linguagem. Uma criança, normalmente já faz uso fluentemente de palavras, entonações, frases elementares de sua língua materna, muito antes de ser chamada a dominar as regras mais simples da gramática. Dessa forma a linguagem vive para a criança como som e sentimento, e não como uma coisa sem vida ou regras no papel. A mesma coisa deve ser com a música. Antes do aluno ser atrapalhado com regras, deve familiarizar-se com os sons. Deve-se ensinar-lhe a conhecer os sons, a ouvi-los, a esperar que a certos sons sigam-se a outros, a combinar sons entre si. Permita-se lhe aprender a melodia, a sentir a harmonia não em função de regras, mas pelo som no seu próprio ouvido (Villa-Lobos {1937}1991: 03). (SOUZA, 2012, p.73)

E nessa familiarização com o som, a música e a sociedade, base de Villa-Lobos, o tornou tão conhecido além da sua busca pelo folclore brasileiro.

O coral na escola, em geral, trabalha-se com o infanto-juvenil, porém acarreta em certos problemas, porque “[...] a inconsistência do aparelho fonador do adolescente torna a atividade do canto um tanto mais comprometida e complexa, requerendo um estudo diferente da prática de grupos infantis ou adultos” (COSTA, 2013, p. 33). Dessa forma, trabalhar com essa faixa etária requer conhecimentos específicos e direcionamento por parte do líder.

Uma dessas questões, e talvez, a mais importante, esteja a muda vocal do adolescente que podem provocar desafinações durante os ensaios e, que ocorrem em períodos diferentes

nos meninos das meninas. Nos meninos as oscilações da voz ocorrem de maneira bem mais nítida que nas meninas, pois podem dormir como tenor e acordar no outro dia como baixo, o inverso também ocorre. Um dos problemas que pode acarretar é o desestímulo para cantar, por isso importante saber e informa-lo de que é algo comum e, que com o tempo irá melhorar. Nas meninas não é tão drástico, ocorre antes do que nos meninos, entre nove e dez anos de idade, de maneira gradual. A dificuldade encontrada está no aspecto cultural, devido ao modelo que há na mídia - cantoras populares cantando sempre muito grave, isso provoca um problema de se ter sopranos com “voz soprosa e com perda de agudos” (COSTA, 2013, p.42).

De qualquer maneira, “o trabalho vocal durante a muda, baseado na utilização e manutenção dos mecanismos de leveza da voz, é comprovadamente eficaz e produtivo” (COSTA, 2013, p. 39) – A autora baseando-se em uma pesquisa do Maestro Henry Leck, que trata sobre a muda vocal dos meninos adolescentes, diz que não acarreta danos para o cantor e, pode ser melhor cantar, justamente neste período, para passar a se familiarizar com as oscilações da própria voz e assim, adquirir uma melhor percepção quanto à afinação – podendo funcionar tanto para meninos, quanto para as meninas.

Ter o foco no trabalho com o coral de adolescentes se torna importante, pois garante a preparação, manutenção e desenvolvimento mais apropriado dos corais adultos brasileiros. Outra função do coral e que, atualmente, se tem descoberto grandes vantagens, é que “O coral pode também ajudar os tímidos, retraídos ou inseguros nas relações pessoais. [...] Buscando aceitação, respeito e identificação, usará o grupo como canal de expressão de suas emoções” (COSTA, 2013, p. 35).

Usando como exemplo a esta questão, na entrevista realizada com a professora Leonice Farias na Escola Petrônio Portella, contou-me um caso em que um aluno disse a ela que usava drogas e, que depois que entrou no coral, sentia-se menos a vontade de usar e com o tempo passou a não utilizar mais:

[...] Ele me dizia que a música era o único escape dele quando vinha para o ensaio do coral nos encontrávamos aqui e tocávamos, ele era da percussão, dizia que não sentia vontade de usar a droga, ou seja, a música era uma terapia pra ele e fazia com que ele se afastasse das drogas, então isso foi muito gratificante pra mim. (Entrevista com a professora Leonice, 2017)

Regente Coral e Educador Musical

Em muitas coisas se estabelece a função do regente, como Fucci Amato ressalta em relação às competências e habilidades inerentes ao regente, como a do regente ‘empreendedor’ que trabalha na organização do grupo planejando as atividades, o regente ‘controlador’ que age para controlar distúrbios crises e conflitos, o regente administrador que elabora e administra todos os grupos ou divide entre os ajudantes e o regente negociador que estabelece contratos e apresentações (FUCCI AMATO, 2007, p. 2-3). Além disso, como se sabe o regente deve ter domínio técnico de gestual, interpretativo, ter conhecimento de história da música e no caso do regente de coro exercer o papel como preparador vocal, pois como ressalta Fernandes “O regente é, em geral, o primeiro e único professor de canto dos cantores de seu grupo.” (FERNDANDES, 2001, p. 54).

Pode ocorrer nos corais adultos no Brasil, diversas pessoas que nunca cantaram em um coral. Para estes casos, cumpre uma função única de ensino musical, e que muitas delas, buscam aprender pela diversão do que um aprendizado musical.

Ainda se tratando sobre a função dos regentes “[...] de um modo geral, tem consciência de muitos aspectos que precisam ser desenvolvidos na prática coral, mas comprometem o próprio desenvolvimento do grupo pela falta de planejamento do trabalho”. (FIGUEIREDO, 1990, p. 19). No seu trabalho de dissertação o autor ressalta a importância do planejamento e a preparação do regente para os ensaios sempre observando a aprendizagem musical dos coristas, ou seja, do ensaio com o propósito de educação musical.

Aí, portanto, deve residir a tarefa precípua do regente de coro, no momento em que precisa estar atento à sua função de educador como facilitador de processos individuais, os quais, específicos em cada ser humano, requerem ações oportunizadoras, precisas e objetivas, jamais excludentes. (Junior, 2010, p.06)

Estas funções estabelecidas pelos autores citados, são semelhantes a função do Educador Musical ou Professor Licenciado em Música, por assim dizer, a formação de licenciatura em música também, preside de uma formação em regência - por todas estas características vistas anteriormente e talvez acrescidas de algumas. O aluno licenciando em música, além da

necessidade de saber utilizar a voz, pela sua versatilidade para a educação musical, é de extrema importância o contato com a regência, pois “a produção bibliográfica nesta área tem se voltado especificamente para a formação do regente. A discussão sobre a regência na formação do professor de música é praticamente inexistente.” (FIGUEIREDO, 2006, p. 886).

É inerente ao licenciando de música ter uma maior aproximação com a regência, assim como, para a formação do regente necessitar de uma formação como educador, portanto, é inerente e mútuo os dois estarem entrelaçados, “Desta forma, o estudo de regência não só se aplica para a atuação do professor de música em sala de aula, como também contribui para o desenvolvimento musical pessoal.” (FIGUEIREDO, 2006, p. 888).

Repertório e Arranjo para Coro Juvenil

Uma importante função do regente está na escolha do repertório, “Grande parte do sucesso de um grupo se deve aos critérios de escolha do repertório.” (FIGUEIREDO, 1990, p. 16), nesta escolha do repertório precisa abarcar todas as necessidades do coral com que se está trabalhando, o que no caso do coral juvenil na escola deve-se levar, em conta, a muda vocal a quantidade e os eventos escolares.

O estilo do coro naturalmente determina o repertório a ser escolhido e isto é uma função complicada para o regente de coro juvenil. Na busca de uma estética diferenciada, muitos profissionais sentem-se perdidos, pois é clara a exigência de um repertório que abarque questões de fisiologia da voz, mas que também motive o adolescente a cantar. (COSTA, 2013, p. 36)

Depois de escolhido o repertório passa-se para a fase de adequação, caso o evento necessite ou a pedido da direção da escola, um determinado repertório, é a observação da tonalidade e a troca dela, caso necessário -“a escolha da tonalidade em que uma canção deverá ser cantada deve ser a primeira preocupação do(a) professor(a).” (SOBREIRA, 2013, p.19). A outra função do regente é o de saber tocar um instrumento musical, pois todo educador musical deve estar, na sua “ordem do dia”, principalmente, para quem trabalha com coro juvenil, que é o “arranjo vocal” (COSTA, 2013, p. 36).

Para a elaboração de um arranjo, Guest estabelece certos critérios de planejamento: o “propósito”, os “recursos” e as “características”, por se tratar de trabalhos corais em escolas, geralmente dentro dos aspectos usados pelo autor, o propósito passa a ser por uma apresentação ao vivo em evento ou função social visando aprendizado musical, os recursos em geral observando os músicos participantes e seu domínio no instrumento e as condições de acústicas e sonorização e as características do som (amplitude em frequência e volume) da linguagem (conforme o estilo atribuído a música) a duração (conforme o propósito) e a tonalidade (estabelecido, quando acompanha a voz humana ou instrumento de recursos limitados). (GUEST, 2009, p.121-122).

Um dos propósitos desta pesquisa é a de conhecer o repertório utilizado pelos regentes de corais atuantes no espaço escolar e principalmente conhecer a maneira que utilizam e fazem seus arranjos. Pois, “cada vez mais surge a necessidade de adaptações e arranjos do repertório coral para que este possa se adequar a cada coro, atendendo as necessidades sociais, culturais e músico-vocais do grupo.” (FRANCHINI, 2014, p.44).

Metodologia

A partir da metodologia é que se sabe como foram os caminhos percorridos na pesquisa, é onde se encontra as ferramentas utilizadas e o passo a passo de como a mesma prosseguiu e quais foram às atitudes do pesquisador frente a tais ferramentas. Dentre as opções metodológicas de pesquisa escolheu-se a pesquisa qualitativa, e tendo a sua base no empirismo acerca das experiências dos dois regentes estudados é que buscamos explicações e soluções de quem está inserido neste meio acerca da experiência pessoal dos regentes e do contexto atual em que estão inseridos é que nos baseamos em Bastian que nos indica:

Para a prática da pesquisa isso significa concretamente que, em uma medida reforçada, os dados sociais e as biografias dos sujeitos pesquisados devem ser incluídos na investigação, por que esses sujeitos não devem ser entendidos como organismos anônimos, mas sim como seres sociais cujas atividades musicais, tendências e preconceitos, etc. refletem somente um aspecto de suas condições objetivas de vida e trabalho e que destas não são separáveis. (BASTIAN, 2000, p.79).

Refletir sobre suas experiências e suas motivações pessoais é que pode esclarecer de uma melhor maneira a atuação destes em seu contexto e conseqüentemente na elaboração de seus arranjos. Para a realização de uma pesquisa necessita-se de um confronto de dados, de informações coletadas analisá-las e ter um conhecimento teórico a respeito do assunto, de acordo com Lüdke e André (1986).

A escolha do tipo de pesquisa se deu pelo fato de se ter a necessidade de pesquisar mais a fundo determinados contextos por se tratarem de raros e pouco conhecidos dentre as escolas públicas de Manaus. A escolha das escolas dos regentes e corais a serem trabalhados, se deu através das conversas com minha orientadora em que como já estava decidido o tipo de pesquisa seria escolher dois ou três casos para se estudar o que foi escolhido as duas escolas, a Escola Brigadeiro Camarão Telles Ribeiro e a Escola Estadual Petrônio Portela.

Toda pesquisa precisa seguir certos procedimentos que o guie no decorrer, e se tratando da pesquisa qualitativa empírica, munir-se de certas ferramentas e utilizar todo o aparato possível. Para esta pesquisa foram utilizadas a observação participante, pois somente assim poderia ser observados os processos de ensaio e adaptação dos arranjos.

Sobre os coros investigados

Coral da Escola Brigadeiro Camarão

O Coral é formado pelos adolescentes da escola que estudam durante a tarde, onde os ensaios eram feitos no horário da manhã, às quartas e sextas-feiras, de oito e trinta às onze horas. A escola disponibiliza uma sala de música com vários instrumentos: violões, teclados, flautas doces e transversas, bateria entre outros e o professor/regente ensaia as músicas sempre com o violão, raramente usa o teclado.

Uma característica do coral está em seu repertório, geralmente trazendo músicas regionais e outras brasileiras contendo uma mensagem positiva:

Eu sempre tenho a preocupação do repertório ser variado, dando (...) ênfase pro nosso repertório regional, [...] nossa cultura, a gente não tem visto (...) muitas

escolas muitos ambientes em que esses alunos possam experimentar essa música regional. (entrevista Izaias, 2017)

O repertório usado são de canções e músicas mais contemporâneas, com artistas locais, tais como Adelson Santos, Zeca Torres, Raízes Caboclas e algumas toadas de Boi, como é o caso da música “Vento Norte” do Boi Caprichoso. O processo dos arranjos ocorre a partir da retirada da gravação original e adaptada para o coral. Esse fato ocorre porque a maioria das canções regionais amazonenses não tem partitura para trabalhar e muitos também, não têm a cifra ou a letra na internet.

O professor não faz anotações ou escreve os seus arranjos musicais, pois para ele, os arranjos ficam para o momento, pois quando se ensaia a mesma música, em outro momento, surge outro arranjo da mesma música, e assim, ocorre diversas vezes.

Coral Uirapuru da Escola Petrônio Portella

O coral Uirapuru possui este nome como uma homenagem a uma ave da região. No cancionário amazônico, há outras canções que possuem o nome deste pássaro, como é o caso da música Uirapuru de Waldemar Henrique, entre outras canções.

A primeira característica da qual considero interessante é o horário de ensaio. O ensaio ocorre todos os dias de doze horas às doze e quarenta e cinco, devido ao colégio ser de tempo integral. Possui uma sala própria para os ensaios, com uma bateria, um teclado, alguns violões, uma pequena caixa de som, que era usado para escutar as músicas a serem escolhidas e para o microfone da qual a professora também, usava para falar com o coral.

Outra característica importante no coral é a utilização do cancionário regional e a utilização do repertório conhecido pela professora, durante seu período de formação na graduação em educação Artística com habilitação em Música, tais como Amazonas Moreno, Uirapuru com o arranjo do Nivaldo Santiago, que se tornaram uma espécie de Hino para a escola. “Eu colocava essa questão cultural muito forte com eles né, pra que eles deixassem de querer só o que vem de fora e valorizasse a nossa cultura, então era esse o objetivo principal do coral, sempre foi.” (Entrevista Leonice, 2017).

Considerações Finais

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, o material ainda está sendo analisado, porém o que se buscou com o presente artigo era a de trazer a reflexão teórica e os passos da pesquisa até aqui. Alguns aspectos do decorrer do trabalho merecem ser destacados como a importância do coral com adolescentes, por exemplo: “É no coro juvenil que o adolescente convive com seus iguais, todos passando por processo semelhante, lidando com a muda vocal e com outras alterações, com naturalidade e companheirismo.” (COSTA, 2013, p. 37). É nessa fase em que as relações de grupo passam a se formar.

Percebe-se também a importância da regência para a formação do educador musical, o quanto estão inter-relacionadas, intimamente ligadas, e o quanto que dentro dessa formação deva-se se ter também um pensamento mais de arranjador, pois mais importante que se ter muito repertório produzido (o que se viu que para coro de adolescentes se mostra pouco) e disponível é ter a criatividade de como lidar no momento de ensaio.

Referências

BASTIAN, H. G. A pesquisa (empírica) na educação musical à luz do pragmatismo. Trad. Jusamara Souza. **Em Pauta**, v.11, n.16/17, p. 76 – 106, PPG em Música/ UFRGS, 2000.

COSTA, P. et al. O uso da voz no coro juvenil. In: SOBREIRA, Silva (Org). **Desafinando a Escola**. Editora Musimed. Brasília, 2013

FARIAS, Izaias S. Entrevista realizada na Escola Estadual Brigadeiro João Camarão Telles Ribeiro. Manaus, 2017.

FERNANDES, Â. J.; KAYAMA, A. G.; ÖSTERGREN, E. A. A prática coral na atualidade: sonoridade, interpretação e técnica vocal. **Revista Música Hodie**, V. 06 – N° 1, p. 51 a 74, 2001.

FIGUEIREDO, S. L. F. **O ensaio coral como momento de aprendizagem: A prática coral numa perspectiva de educação musical**. Dissertação, UFRGS. Porto Alegre 1990.

_____, S. L. F. A regência coral na formação do educador musical. XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM): Brasília 2006, p. 885 – 889.

FUCCI A. R. de C.; NETO, J. A. **Regência Coral: Organização e administração do trabalho em corais**.
http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/praticas_interpretativas/pratint_RCFAmato_JAmatoNeto.pdf

GUEST, I. **Arranjo: Método Prático** v 1. Editado por Almir Chediak. Editora Lumiar. São Paulo, 2009;

JUNIOR. J. T. d'A. O Regente de Coro: Educador e Artista. I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, XV COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO. Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

SANTOS, M. A. C. **Heitor Villa-Lobos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SILVA, L. F. Entrevista realizada na Escola Estadual Senador Petrônio Portella. Manaus, 2017.

SOBREIRA, S. et al. O canto como elemento de musicalização. In: SOBREIRA, Silva (Org.). **Desafinando a Escola**. Editora: Musimed. Brasília, 2013

SOUZA, C. D. O Brasil em Pauta: Heitor Villa-Lobos e o canto orfeônico (1920 - 1945). **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.4, n.1, p.67-85, jan-jun, 2012.